

**CORRESPONDENCIA** — *Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem à nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.*

*Os pedidos d'informações devem vir sempre acompanhados de um sello de 200 réis para a devida resposta.*

### A volta do mundo em uma lanchar

O capitão Jhson Glocerne que, em um debil barquinho fez a volta do mundo, sahido de Boston em 24 de Abril de 1895 e voltando ao porto de sahida em 4 de Julho de 1898, publicou um livro contendo interessante descripção da sua viagem.

### NINON DE LENCLOS

escurieia da ruca, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, afirmando sempre os peilhosda sua certidão de baptismo que rasgava á cura do Tempo, cuja febre embotava-se sobre sua emmentadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdejando» via-se obrigado a dizer o velho rubugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que celebre e egoista freira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobrio-o o Dr. Leonet entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez partida bibliophila de Voltaire e é actualmente a propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOSTER, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.** Esta casa tem-nos á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **HERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

#### DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

#### Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais deliciada sem alteral-a.

#### LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** continhe-se:

#### LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

#### SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brinca os pestanos e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade no olhar

#### LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para ahiura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Amarrado na costa do Fair Haven, na Nova Escocia, estava, o que sete annos tinha sido a baleeira *Spray*.

A gente do logar acabou a consciencia que aquilo que tinha sido um barco, nunca mais voltaria a sulcar as ondas, quando um bello dia o proprietario daquelle ruina, capitão Eben Purce, baleeiro retirado, que vivia perto do povoado, parece com um estrangeiro, que se dirigiram para o *Spray*.

Um curioso, approximando-se, entrou na conversação.

« Então? projectais desmanchar a ossamenta velha? »

Não lhe responderam.

A obra custou 110 libras esterlinas e treze mezes de trabalho ao capitão Glocerne só, pois não quiz que ninguém o ajudasse.

No fim do trabalho era difficil conhecer onde acabava o velho onde começava o novo *Spray*.

E o proprietario deliberára não mudar-lhe o nome.

Prompto o barco, carregou-o das provisões que

julgo necessárias para a sua aventureira viagem e fez-se ao mar.

Quando o tempo era de tormenta, dizia o marinheiro, não tinha ensejo de sentir a minima solidão: o bom tempo para mim affectava um pouco mudado, lembrando-me de que me haviam advertido de que, á força de não fallar, perderia o uso da plavra.

Dirigia vozes de commando a imaginarios marinheiros e ás vezes interrogava, naturalmente não recebia resposta e isto me entristecia um pouco.

Então recordei-me: quando moço costumava cantar e ainda que minhas aptidões musicas nunca despertassem inveja dos que me ouviam, pensei que estando só não incommodaria ninguém e punha-me então a cantar.

Era de ver o desenvolvimento do sentido musical nos peixes e tarlugas que me ouviam: demonstravam a sua satisfação com saltos e reviravoltas.

Um dia pesquei uma tartaruga: custou-me muito trabalho mettel-a a bordo o consegui, e nesse dia o cardapio do meu jantar foi o seguinte: bife de tarla-

**PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET**  
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

**MÃO DE PAPA** de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrunhece, elia, asseta a epiderme, impede e destrói as freiras e os radica.

**UM NARIZ PICADO** de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

*Para ser bella e cantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.*

**POUCOS CABELLOS**  
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins** da **Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NÃO ARRANQUEM MAIS**  
os dentes estragados, substitua-os em brançeos com o **Elixir dentifrice des Benedictins** da **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)**

Xarope sem narcotico recommandado ha jri 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita um fuz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Exija-se o **Carimbo official e assignatura Delabarre.**

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

**PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL**

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

**NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES**

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS

Exija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em todas as pharmacies.

**VINHO DE CHASSAINO**  
DIGESTIVO  
Recetado ha 30 annos  
CONTRA AS AFEÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS  
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "**PHOSPHATINE FALIÈRES**" é o mais saboroso e o mais recommandado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo do crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

**PRISAÇÃO DE VENTRE**  
6 horas de cura  
verdadeiro

**Pó Laxativo de Vichy**  
de SOULIGOUX  
Laxante certo, agradável ao paladar, facil de se tomar

O preço de cada caixa é de 25 centes. 25 centes

PARIS, AVENUE VICTORIA, N.º 6 E NAS PHARMACIAS.

**LE REFLE Incarnat**

NOVO PERFUME

CAUTELA COM AS IMITAÇÕES

**IPIVER** PARIS

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

**PILULAS DE BLANCARD**

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODU e do FERRO.

40  
Roa Bonaparte  
PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangue**.



Moça do Cantão Appensell na Suissa indo á igreja da aldeia. A igreja está 4615 pés acima do nivel do mar.

ruça, chá, torradas, papas, cebolas guisadas, peras em compotas e creme.

Depois de quarenta dias de viagem cheguei a Gibraltar, onde fui admiravelmente acolhido.

Uma manhã ouvi a buzina:

— O' de bordo de *Sprays*! Oh!

O commandante Reynaldo o manda sondar, e diz que o espera para pantar a bordo do *Callywood*, ás tres e meia da tarde, mas que não chegue mais tarde.

— Estou sem roupa, como hei de ir?

— Venha em camisa.

Trataram-me tambem como se estivesse vestido no grande tom.

Pensei seguir a minha viagem pelo Mediterraneo, mas advertiram-me que como tinha de ir cesteando muitas vezes, não me convinha seguir essa rota porque provavelmente seria atacado pelos piratas.

Retrocedi, atravessando de novo o Atlantico e no fim de quarenta dias vi costa, pela primeira vez no Brazil.

Nessa viagem fallei com o *Schnouer Nudascal* que ia de Bost n para o Rio da Prata.

Um golphinho ferido seguiu o *Spray* por mais de mil milhas, porfim acostumei-me com elle.

Um dia desapareceu; extranhei pouco depois voltou com tres amigos que soboreavam os restos da minha comida.

Os tubarões davam-lhes caça e os interrompiam quando comiam, mas os golphinhos, quando sentiram sua aproximação fugiram cada um para o seu rumo, o que fazia vacillar o tubarão que não sabia qual apresa mais facil.

Geralmente eu intervinha, atirando ao mar uma lata vasta, que o tubarão se propunha a engolir, confundindo o seu reflexo com o da escama de um peixe; eu esperava o momento em que aquelle se punha de costas para apanhar a presa, então sua garganta branca offerencia ao meu rifle um alvo que nunca errei.

O capitão Ilcoine seguiu do Brazil ate Montevideo e Buenos Ayres, fazendo ali algumas reparações no seu barquinho, tendo posto um gurupés novo.

Dobrou o cabo de Oorn, do Chile, atravessou o Pacifico, tocando em portos australianos, em que foi muito bem recebido.

Na Costa d'Africa desembarcou, internando-se no Transwal, onde foi entrevistado por alguns personagens boers, que sustentaram que era impossivel dar a volta á roda do mundo pela simples razão de que este não era redondo.

Consultando o presidente Kruger, com quem tambem conversou, este confirmou a opinião de seus compatriotas e citou um seu apio a Biddia.

Foi atacado varias vezes por piratas negros, alguns dos quaes pôde conter com estratagemas, vestindo se com os tres unicos trajes do seu guarda-roupa, e mudando mesmo duas vezes de camisa, o que fazia parecer que a tripulação sa compunha de varios homens.

Este estratagema e o rifle manejado a tempo o livrou dos piratas.

A' noite, porém, enquanto dormia, a vigilancia era difficil: uma noite foi assaltado o barco enquanto elle dormia, porém o primeiro negro que poz o pé a bordo deu um grito terrivel ao pisar a ponta de um dos pregos, que collocara no barco.

Slocun sáhiu para vér o negro saltar de bordo e voltar para a sua canôa. Tres ou quatro tiros afastaram a canôa do *Spray*.

O capitão Slocun precedeu seu livro da seguinte eloquente dèdicatoria:

« Ao unico homem que disse que o *Spray* estaria ao porto de sua sahida, o capitão Slocun »

## A FLOR

A ELYSIO DE CARVALHO

— Rosa de minha alma— eu sei que morro! estou moribundo. Amei-te muito e levarei para o tumulo esse amor purissimo que tanto me fez feliz.

Ao morrer, meu amor, quero deixar-te uma recordação modesta de minha idolatria por ti — ella: é uma flor, esta quasi murcha!

II

Bellinha, chorando copiosamente, arranca a flor, um



Moça de Zischgeli no traje nacional.

cravo viçoso, das mãos do agonizante e beija-o cem vezes!

Minutos depois, o amante morria sorrindo, doce a sua morte, porque ao exhaliar o ultimo alento de vida, tinha diante de sua alma a imagem ternissima da mulher querida!

III

Um anno era passado. Bellinha, no seu quarto mirava uma photographia. Representava esta uma flor, um cravo. Era o mimo do moço enamorado, do jovem, que morrera amando-a!

Assim, photographado, o cravo jamais murcho! Estaria sempre bello e perfeito. Aquella flor symbolizava o purissimo amor da virgem. Nella ouvia a alma do morto idolatrado, d'aquelle que apesar de inerte era ainda o seu primeiro e ultimo amor!

S. Paulo—1901.

ARTHUR GOULART.

## A LARVA

(LUIZ GUIMARÃES)

Não, não perturbes a alligação eruenta que me retalha o peito, noite e dia: Eu vivo apenas dessa dor sombria, deste amargo pão, que me alimenta.

Os rosos vão, a ephemera alegria já não me cegam, nada mais me tenta. É vou sorrendo esta amargura lenta que me esmaga, me encanta e me inebria.

Deixa-me, pois, soffrer... Rios e mares menos revoltos são que os meus pezares e as negras ondas que a minha alma chora.

E, como a flor no calice de prata sustenta a larva, que a destroe e mata, ou vou nutrido a dor que me devora.



Vaqueira nos Alpes.



Moça de Appensell de Rhodou Interior no seu vestimento domingueiro.

## Intelligencia de um cão

A seguinte narração, leita em carta dirigida a uma folha da cidade do Rio Grande em 5 de fevereiro de 1890 pelo sr. capitão Ambrosio Taveira, é um eloquente atestado do grau de intelligencia e dedicação a que pôde atingir este nobre animal.

« Chiquito é o nome de um cãozinho, meu verdadeiro amigo. Ninguém daria nada por elle, porque só tem dois prestimos: o do instincto da conservação da propria existencia e a grande amizade que me tem.

Embarcando em Jaguarão, no vapor *Mirim*, a 4 do mez findo, com destino a Matto Grosso, não qui trazer o, não só por causa da despesa, como pelo incommodo de boido, quando effectuei o meu embarque.

Chegado aqui, recebi cartas de minha familia dizendo que o cãozinho nos primeiros dias só ia a casa para comer, passando a maior parte do tempo no caes e *chorando*, talvez à espera de que eu voltasse.

Perdendo, porém a esperança, creio, tomou o alvite de embarcar por conta propria, vindo aqui ter commigo no dia 3 d'este mez, no quartel do 3.º batalhão de artilheria, aonde me achava de serviço, e tanta alegria manifestou o fiel animalzinho que me consternou. O que é mais de admirar é que o meu *Chiquinho*,

nunca tendo salido de Jaguarão, sua terra natal, embarcasse, e, julgando que o fizessem desembarcar, se occultasse tão bem, que a bordo me garantiram que ninguém o viu »



Uma casa erigida numa cova nas montanhas dos Alpes.

## Proverbios persas

Cuidado que a lingua te não corte a cabeça.  
Lingua comprida faz a vida curta.  
Setta despedida não volta ao arco.  
Um arratel de saber para ser util necessita de dez toneladas de bom senso.  
Quem só quer um cavallo sem defeito tem de andar a pé.

## LONGE...

Longe de ti que amarga solidade!  
Que desgraçadas horas de tristeza!  
E' minh'alma um soluço de saudade  
Longe de ti Thereza!

Ver-te foi ver com um deblumramento  
Surgir clareando toda a redondeza;  
Estrelas da manhã no firmamento  
São teus olhos Thereza.

Longe de ti o veu da desventura  
Descerra se por toda a Natureza!  
E's tu a minha aspiração mais pura  
Angelica Thereza.

Quero-te muito, ai como a tua imagem  
Hoje por sobre meu destino pesa!  
E's tu somente que me das cotagem  
Oh! candida Thereza!

Que hora sombria! que pezar e que ancia  
Tenho a saudade na minh'alma preza  
Sysara-nos o vacuo de distancia  
Que desgraça Thereza!

Entanto a tua imagem me acompaña  
Tão clara em sua angelica belleza  
Que o meu destino alegremente banha,  
De tua luz Thereza!

Longe de ti na agrura dos escolhos  
Vejo teus olhos cheios de tristeza  
E o teu semblante não me sae dos olhos  
Longe de ti Thereza!

5-1-1901

R. CAVALCANTI.

## O leão

O leão, celebre pela sua força, valor e generosidade, chegou a ser appellidado o *rei dos animais*, e é geralmente considerado como o nosso gato domesticado, differindo unicamente pelo tamanho, e o uniforme alaranjado, crina ou juba espessa, que orná o petto e o macho, e um grosso panel de pelos na extremidade da cauda.

Os leões, segundo Herodoto, Aristoteles e Pausanias, eram vulgares em seu tempo na Thracia, Macedonia e Thessalia; actualmente não os ha nestas regiões. Havia os tambem na antiguidade na Syria e na Asia Menor; hoje só se encontram na Africa, em alguns raros districts da Arabia, e certas regiões da India e da Persia. Diminuiu, portanto, enormemente a especie e pôde dizer-se que está ameaçada de destruição completa. Na mesma Africa são hoje muito menos numerosos do que o eram no tempo dos Romanos; estes nos jogos e combates do circo empregavam os leões em quantidade tão prodigiosa que, se o uso destes espectaculos se prolongasse por mais alguns seculos, a especie já estaria totalmente annihilada.

O leão nutre-se dos animais que apanha vivos e não ataca o homem senão quando é por elle atacado,

ou lhe presente nos gestos mede ou receio. E' reconhecido aos benefícios e implacavel na vingança; pode domesticar-se na prisão e é susceptivel de affecto, tanto para com o homem, como para com os outros animais com que é creado.

A arte de domesticar os leões foi conhecida dos antigos; Hunnon, cartaginês, foi exilado pelos seus concidadãos sob o pretexto de que quem, como elle, tinha o poder de domar os leões, tambem podia conceber o projecto de subjugar os seus concidadãos.

No anno 46 antes de Christo, Marco Antonio mostrou e aos romanos em um carro tirado por leões. Nos nossos tempos, varios eliminadores celebres tem exhibido em espectáculo publico leões domesticados que executam varios exercicios, notavelmente por mostrarem o quanto sobre a força bruta e nativa braveza das feras pôde a intelligencia do homem.

## DESCANSO

O temporal violento enfim cessara  
O sol iriando o orvalho do arvoredo  
E a verde frança atravessando o cedo,  
Um doce raio ao ninho desfechára.

A pobre mãe as alas apartara  
Cobrindo a prole, trémula de medo!  
Terrores dera o ceu, sombrio e tredo  
N'um horrído bramido que a telara!

Fazião suas pennas arqueadas  
Um protector escudo sobre o ninho  
Onde dormião filhas adoradas

E só lhes vendo um riso no olharinho  
Pôde fechar as azas tão cansadas!...  
Ah! Nada igual a maternal carinho!

Niteroy: 1901

A. AZEVEDO.

## Meio facil de obter sapatos

Na *Constituinte* que em 1890 se tentamos contra a Republica do Uruguay, um imperial brasileiro matou um *leão*, e, considerando ás 11 h. que tinham em todas as direções, a expressão e do m. j. do, abraçar as botas e, cobrando de, disse no collar para estes pontos.

— Quem quer os leões e leões, os outros os de *Almanac* *Brasil*.

Dr. Moreira de Alencar.



A moda de hoje no ange de exagero!!

## CHRONIQUETA

Rio, 23 de Janeiro de 1901.

O seculo e meoço mal. O proprio Dr. Plaugloss não seria capaz de afirmar o contrario.

Já tivemos as guerras do Acre, bella porção de terra que uns dizem ser brasileira e outros boliviana, e aqui na capital federal só tem havido tristezas.

Uma greve dos empregados da limpeza publica ameaçou terrivelmente a população, e desta vez não se pode dizer que a razão não estivesse do lado dos grevistas, que ha muito tempo não eram pagos.

O prefeito do districto federal foi bater a porta do ministro da fazenda, e a mãe Joanna da rua do Sacramento mais uma vez salvou a situação: foi removido para a Sapucaia o lixo que, em montanhas, nas ruas ameaçava infeccionar a velha Sebastianopolis.

✽

Cotada da ex-heroica e leal! Logo depois dessa provação, sabido passado, as oito horas da noite, pouco mais ou menos, desabou sobre ella um tremendo temporal, que em muitos pontos deixou medonhamente assignalados os seus vestigios. Parecia que vinha o mundo abaixo! Os relampagos, trovões, raios e coriscos eram um Deus nos accuda, e choveu a cantaros,—chuva de atolar, de inundar, de destruir, de apavorar!

Mas como tudo nesta vida tem compensações, mesmo quando os elementos se desencadeiam contra a fragilidade das coisas humanas, os fluminenses, graças a esse turumbamba celeste, estão, em pleno janeiro, gozando uma temperatura agradável, livres da impertuna hospede que 1 dos os annos os visita por essa época.

Dizem — e eu acredito — que a ausencia da febre amarella é tambem devida ás rigorosas providencias sanitarias que se deram para combater a peste bubonica, — de onde se infere que com um pouco de cuidado se evitam as epidemias.

✽

O que não se evita são os assassinatos e suicidios. Ainda lentamente traziam os jornaes a noticia de um moço, que se matou por estar doente, e de outro que fez saltar os miolos por ter sido lesado em goos, quantia que não paga, me parece, uma existencia de homem.

Entretanto, o caso mais triste destes ultimos dias foi o assassinato de um pae de familia, que, apesar de casado e com filhos, era membro do Club dos Celibatarios.

O infeliz foi esfaqueado ás cinco horas da manhã, depois de um forrobido carnavalesco, por causa de uma mulher perdida a quem puzeram á expressiva alcunha de *Perna machada*.

Lima Rosa tinha se opposto a que essa mulher entrasse no Club, e um vagaburdo conhecido pela alcunha não menos suggestiva, de *Bôde*, assassinou-o, para vingal-a.

E ahí tem as leitoras como e porque morre um chefe de familia, que passa a noite n'um club carnavalesco!

✽

Merceo não ser esquecido nesta columna o conde de Antonelli, esse fino diplomata que conquistou a sympathia dos brasileiros, e acaba de fallecer em viagem do Brazil para a Italia, — o bello e glorioso paiz que neste momento se acha sob a terrivel pressão de uma desgraça imminente,—a morte do divino Verdi, cuja figura colossal não cabe nesta chroniqueta.

Outra morte a da rainha Victoria, o grande modelo dos soberanos e, o que mais é, o exemplo da piedade conjugal e do carinho materno, — uma figura de mulher que encheu um seculo e occupará um logar proeminente na historia das nações. Ella mereceu o nome com que a baptisaram, porque o seu longo reinado foi uma longa victoria.

Dizem que foi o Transwall que a matou, e eu acredito: não é possivel que tão boa esposa e tão boa mãe visse — sem morrer — o sacrificio de tantos maridos e de tantos filhos.

✽

Para não fechar a chroniqueta com assumptos de tristeza e morte, registremos o apparecimento de dois bons livros, um em prosa e outro em verso, editados ambos pela casa Laemmert: *Ave Maria*, de Luiz Guimarães Filho, o delicado poeta, e *Por que me usano de ser brasileiro*, paginas escriptas por Affonso Celso com um patriotismo puro, intenso e communicativo.

ELOY, O HERÓE.

## THEATROS

Rio, 22 de Janeiro de 1901.

Abiram-se, friamente, dois theatros: o Recreio-onde tivemos a primeira representação da *Juana*, a nova revista de Moreira Sampaio, e o Lucinda, onde se estreou, com o drama *José José*, uma nova companhia dramatica sob a direcção do actor Ferreira de Souza.

Desse drama nada diremos, por ser assás conhecido, e da *Juana* diremos que é uma revista engraçada, bem feita, com boa musica, menos mal representada, e posta em scena com luxo.

As honras da noite da primeira representação couberam ao scenographo Carrancini, que recebeu

uma ovação pela bella apothose com que termina o 2º acto; entretanto, Coliva não se deixou vencer pelo collega, e apresentou um esplendido trabalho na apothose fin l, comemorando a visita do presidente da Republica a Buenos Ayres.

O publico applaudiu bastante, e é de presuahir que, não obstante a crise, a *Juana* de um bom numero de representações fructuosas.

X. Y. Z.

## Dr. Campos Salles

Illustracion Sul Americana periodico illustrado, dois numeros especiaes em referencia aos acontecimentos durante o estado do nosso presidente em Buenos-Aires. Preço para a Capital Rs. 5\$000; pelo correio registrado Rs. 6\$000, para cada um.

Bilhetes postaes argentinos com os retratos dos dois presidentes Campos Salles e Rocca. Preço para a Capital 500 reis, pelo correio registrado 800 reis.

## ALMANACHS 1901

Hachette, edição simples brochada.....	3\$500
" " " cartonada.....	5\$000
" " " encadernada.....	6\$500
" " " completa cartonada.....	7\$500
" " " encadernada.....	10\$000
Drapeau " encadernada.....	6\$300
Illustration Espanola.....	5\$800
Gotha.....	11\$500
Brazil Portugal.....	3\$000

Remette-se para o interior aos preços acima

## CASA LOMBAERTS

Livraria A. Lavignasse F.º & C.

7 Rua dos Ourives 7

«Lecture Pour Tous» edição da casa Hachette de Paris — publicação mensal illustrada, remette-se para o interior ao preço de rs. 1\$500 cada fasciculo muito interessante.

## Almanach Hachette 1901

Preço para a Capital 3\$000, pelo correio registrado 3\$500

## ROMANCES DE ACTUALIDADE

H. Stenkienvicz — Sans Dogme.  
Rostand — L'Aiglon.  
Ohnet — La Tenebreuse.  
Daudet — Premier Voyage premier mensonge.  
Prevost — L'heureux Menage  
Montfauud — La Chair qui aime, la Chair qui tue.  
Balzac — La Cousine Bette.  
" Le Lys dans la Vallée.  
Mirebeau — Journal d'une femme de Chambre.  
Bourget — Un Homme d'affaires.  
Maupassant — Les Dimanches d'un Bourgeois de Paris.

Preço de cada um para a Capital 5\$000

Registrado pelo correio 5\$500

A venda na CASA LOMBAERTS

7, Rua dos Ourives, 7

RIO DE JANEIRO

## Aguas de Vichy

Garantidas, NOVAS

e LEGITIMAS das seguintes fontes

Celestins. }  
Hauterive Pres. } Preço da caixa  
Grande Grille. } com 50 garrafas  
Hôpital. } Rs. 6\$000

A venda CASA LOMBAERTS

7, Rua dos Ourives, 7

N. B. — Remette-se para o interior accrescentando-se ao preço acima as despesas de frete.

## ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconcellos, Moran & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

### Polkas

Brincando, por H. Dias..... 1\$000  
Vai sahindo, por A. Keller..... 1\$000

### Tangos

Só de mão, por E. Telles..... 1\$000  
Ferruge, por E. Telles..... 1\$000  
Tango do pianista, por Costa Junior..... 1\$000

### Valsas

Tristeza d'alma, por Martins..... 1\$000  
Dolente, por Carlos Marques..... 1\$000  
Tragabalas (com letra), por Costa Junior..... 1\$000  
Amor que mata, por J. G. Christo..... 1\$000  
Despretenciosa, por J. G. Christo..... 1\$000  
Elegante, por A. Cavalcanti..... 1\$000  
Juracy, por A. Nunes..... 1\$000  
Licéa, por Evora Filho..... 1\$000  
Meus oito annos, por O. Carneiro..... 1\$000  
O teu olhar me seduz, por Evora Filho..... 1\$000

### Schottisch

Alzira, por Campos Junior..... 1\$000  
Guanabara, por I. Madeira..... 1\$000  
Grinalda de noiva, por Evora Filho..... 1\$000  
Primeiro Amor, por E. Telles..... 1\$000

### Quadrilhas

Borboretas, por E. Couto..... 1\$000  
Recordações da infancia, por J. M. Lacerda..... 1\$000

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o brinde mensal que a casa offerece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147



**CRÈME SIMON**  
PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
**FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphora, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

**J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS**  
PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Galletierros.

*Desconfiar das Imitações.*

## LENDA

Poty, o mais feroz na guerra, diante de quem as hostes inimigas recuavam temendo o poder invencível do seu tacape, que cahia com a mesma rapidez dos raios com que Tupam fere aos gigantes jiquitibás nos dias de tormenta, sentio-se um dia domado e preso.

Quando a lua surgindo por cima do arvoredor illuminava com o palor tristonho, os campos de combate e os bailados delirantes dos vencedores, inebriados pelo triumpho, Poty já não vinha como outrora ao ruido das azagaías, soprar cheio de alegria no bore de guerra, os hymnos de victoria.

Fundo o combate, apoiado no arco vencedor e com a cabeça enfeitada com as pennas do cocar, tombada sobre o peito, Poty sismava e as vezes, alongava um olhar cheio de saudade para o lado da floresta que encobria a taba amiga.

Lá, atraz da palissada que rodeia protectora as cabanas dos habitantes das selvas, vivia a dona do olhar cheio de meiguice, que apenas n'um volver carinhoso, manietara completamente, todas as resistencias bravias do guerreiro.

E o indio pensava em voltar cheio de tropeheus tomados aos inimigos, festejado pelos seus e muitas vezes, via em sonhos a figura encantadora de Inhaa, a sorrir-lhe da porta da cabana, tendo na mão o cachimbo dos dias de descanso, como o symbolo da alliança.

Voitava a tribu victoriosamente a taba e casando e m os rugidos do tigre que bramava nas serranias, os gritos dos guerreiros annunciavam ao longe a victoria de suas armas.

Poty, distanciando-se dos companheiros, corria veloz como o gamo, em direcção do sitio querido, elle queria ver ao menos de longe, elevar-se o fumo annunciador do lar amigo. Subito o guerreiro estaca, e a seus ouvidos chega o murmurio de uma voz, que muitas vezes falara-lhe ternamente a alma. Era como que uma melodia de todas as doces harmonias que a natureza p' seue, era um mixto do cantar sonoro dos passaros e do sissiar dos regatos mansos da floresta.

Poty contendo a respiração avançou mais, e vio Inhaa, a senhora do seu ser, recostada amorosamente ao hombro de Guandú, um guerreiro da tribu!

Todos os odios aninhados na alma humana revoltaram-se de subito e o indio tornando-se em animal bravo, de um salto derriba o rival e aponta-lhe para o peito a flecha vingadora.

O arco arqueando-se pela pressão possante da mão do guerreiro, vai deixar partir o dardo da morte e pelo ar já paira o tom sinistro do lucto.

Poty vai ferir, mas levantando a vista, viu que des olhos formosos de Inhaa, correm dois fios de perlas purissimas, tremem-lhe a mão e a flecha, arremessada com raiva, foi cravar-se tremulante á poucos passos adiante. Poty recou e fala:

— E' porque Guandú vai morrer que choras, Inhaa?

— Sim, elle é senhor de minha alma, disse a jovem, foi para elle que teei a rede do descanso durante os dias da guerra, e se tu Poty, mata á Guandú, nunca mais meus olhos verão a luz do sol!

Poty tremou, e elle que era forte, que era bravo e que subjugava brincando tigre da floresta, sentio-se acobardado enfrente aquella fraqueza que chorava!

— Pois bem, não morrerá Inhaa, e que Guandú vá e espere-me na floresta negra.

Guandú partiu tristonho e envergonhado e quando os dois ficaram sos, Poty disse:

— Inhaa, perdoa-me ter feito teus olhos derramarem lagrimas, eu vou partir para nunca mais voltar, mas antes, queria pedir-te como lembrança uns fios de teus cabellos...

A jovem acceden ao pedido do misero, e levando ao niveo colar dos alvissimos dentes, os bastos e sedosos cabellos, coitoun numa madeixa que entregou ao pobre indio

E'noite, enquanto os guerreiros em torno das fogueiras do lar, contam aos velhos e as mulheres as peripecias da guerra e os pagés invocam as suas divindades, para agradecer a victoria. Inhaa espreita no eseuo, por traz da palissada a volta de Guandú.

Já o bacurão o passaro da noite, voou tres vezes diante seus vacillantes passos e no coração de Inhaa, os miós presagios Imperam dolorosamente.

Um piar monotono e interrompido como o do mocho, avisa a jovem a chegada de Guandú e momentos mais, destaca-se da sombra da floresta a figura do indio, vacillante e tristonho.

Inhaa sentiu em um segundo dissiparem-se todas as apprehensões e a visão do ente amado, fella esquecer egoisticamente o resto do mundo.

Mas Guandú está silencioso e com o olhar perdido no chão.

— Porque tardaste tanto, diz Inhaa: o que é feito de Poty, sabes?

Guandú levantou tristemente a cabeça e disse:

— Esperei Poty na floresta negra, quando o sol sumio por traz do grande morro elle chegou com a visão carregada, como nos dias de combate, trazia fogo nos olhos e sangue na bocca, tremi ao vel-o, e eu sou valente.

Poty disse-me então:

«Roubaste-me a vida, tirando-me o amor de Inhaa; não tenho mais a quem dar os enfeites de pedras brillantes que arranquei com o risco da minha propria vida, dos pulsos do chefe inimigo, nem com quem repartir os triumphos que ganhei na guerra, por isso Guandú, eu venho aqui com a sombra da morte!»

— «Toma o meu arco e dá-me o teu, vê que elle é forte e pôde bem atirar uma flecha que dê a morte; quando eu soltar o grito do gavião, fere-me, porque se eu não cahir és um guerreiro morto.»

Disse e se affastou de mim.

Tremi por minha vida e pensei que se não derubasse á Poty, seria eu o morto e que nunca mais veria o teu olhar, Inhaa.

Elle soltou o grito do gavião, destendi o arco, a flecha partio e vi o vulto de Poty tombar, tinha morrido o maior guerreiro da tribu...

Assim fallou Guandú e terminando, estendeu o arco que trazia:

— Eis aqui o arco de Poty e perdoa-me Inhaa.

A jovem tomou silenciosamente o arco e como uma sombra voltou para a cabana.

Quando a luz do brazeiro que preparava a ceia do velho Pagé seu pai, quiz examinar a arma que produzira a morte ao grande dedicado, o arco cahio-lhe das mãos e um prolongado pranto agitou-lhe o seio.

Inhaa reconhecera na urdidura da corda que impelira a flecha mortal, os fios do seu sedoso cabelo, entregues a Poty no momento da despedida.

Como era grande aquelle amor do indio, mas amor assim, só pôde nascer no coração dos simples. Paquetá, Janeiro de 1901.

ALVARO PAES LEME.

## IGNOTA

Eu não posso ser teu, tu não pôdes ser minha...

LUIZ MURAT

Busco em balde varrer d'alma e do pensamento tua imagem querida, e cada vez mais forte, como ideia cruel que não n'á apaga a morte, elle chega a tirar-me o proprio entendimento.

Nem um instante só, nem sequer um momento abandonas minh'alma e tanto em minha sorte tens exercido imperio e tal poder que a morte não poderá quebral-o, no seu fatal tormento!

Arrasta-me beijando a terra humida e fria!

A dor dá-me prazer maior do que a alegria, e só vivo feliz soffrendo, enquanto gosns.

A minha estrada é longa, e são os teus carinhos para mim tão cruéis como um milhão d'espinhos que os labios nos recorta, indo beijar as rosas!

## AS QUARENTONAS

A boda do rei Alexandre da Servia com uma dama de honra da rainha, Nathalia — a senhora Daga-Masclin — viuva de um bargez qualquer, de trinta e seis annos, segundo uns, e segundo outros de quarenta e dois, traz-nos á memoria a recordação de mulheres celebres e illustres que, já quarentonas, exorceram influencias preponderantes nos destinos dos grandes povos, na alma de poderosissimos soberanos.

Proclama o a historia de todos os tempos.

Os encantos da mulher que passa dos trinta annos a sua sciencia da vida, o seu conhecimento do mundo adquiriram mais conquistas do que a belleza e os attractivos das jovens donzellas sem experiencia e sem a arte suprema do imperio sobre os homens.

Na antiguidade, os exemplos são famosos. Cleopatra empunha o sceptro da formosura e do amor no mundo, accendia a paixão cega de Antonio, fazendo rebentar uma guerra tremenda no vasto imperio de Roma; detinha o curso dos acontecimentos humanos quando á o sol tinha beijado a sua fronte, durante varias primaveras.

Agrippina, mãe de Nero, era, no advento deste ao throno, viuva de tres maridos, sendo o ultimo o imperador Claudio, a quem fez adoptar como successor, e em prejuizo de Britanie, a Domicio Nero que lhe pagou com a morte a sua elevação a Cesar, depois de commettidos tantos esforços titanicos e tantos crimes horrosos.

E Agrippina era, apesar da sua idade já bastante provecia, pois andava pelos quarenta, a mulher mais formosa da Cidade Eterna.

Popéa Sabina, a segunda mulher de Nero, era já divorciada de Othou, quando Cesar repudiava Octavia, e abandonava Acté, casando-se com ella e erigindo-lhe um templo, como si fosse uma deusa, ao lado de Venus, de Ceres e de Vesta.

Verdade seja que Popéa Sabina conservava a sua juventude e belleza inalteravel, graças ao banho que todos os dias tomava com o leite de 300 jumentas.

Mas não é preciso recorrer a tão remotos casos historicos; em Hespanha e França ha alguns mais proximos de nós, brillantes e de tanto esplendor como aquelles.

Haja visto o que aconteceu com a famosa princeza de Eboli, que tão soberano e doce imperio exerceu sobre o duro coração do estadista e politico Philippe II.

A princeza de Eboli, nascida em 1540, casada aos doze annos e morta em 1560, exerceu uma influencia tão avassaladora no animo daquelle ferro monarcha, que conseguiu dispor dos destinos d'uma das maiores monarchias da terra na idade de trinta e oito annos.

E então, e desta epoca até quasi á sua morte, o seu poder não conheceu rival, dispondo a seu livre alvedrio daquelle a quem lhe prestavam bomenagem as potestades da terra.

As duas figuras principaes de maior periodo historico da Hespanha, Philippe II e Antonio Perez compartilharam os favores de sua alma e belleza singulares. A desgraça de Antonio Perez e com elle a ruina das liberdades de Aragão, vão enlaçadas á historia da princeza de Eboli, demonstrando assim o decisivo influxo de numerosas matronas, de illustres durasias, na sorte dos povos.

A formosura desta princeza foi cantada por poetas gregos, não obstante ser cega de um olho.

E nada diremos da magna, da indiscutivel soberania que no reinado de Philippe V, até que chegou a Hespanha Isabel de Farnesio, teve a memoravel princeza dos Ursinos.

Sessenta annos contava já a grande dama, quando principiou a reinar o duque de Anjou, e estava ainda tão conservada que lhe permitiam, não só dominar o rei com os attractivos da sua belleza historica, mas despachar por si mesma os mais graves e intrincados negocios de estado.

Educada na corte do rei sol, emula de Montespan, discipula de Maintenon, mulher dotada de privilegiado talento, a princeza dos Ursinos enveredou a politica do primeiro Bourbon pelo rumo que tão favoravel foi á nossa patria.

Ha, pois, dois exemplos notaveis na historia da visinha França, que assignalam o declinar esplendoroso do regimen antigo e a aurora do moderno regimen.

Luiz XVI e Napoleão Bonaparte são os arbitros do mundo, pela influencia de duas mulheres para sempre illustres, madame Maintenon e Josephina Beauharnais.

A marquez d'Aubigné, franceza — conhecida pelo nome de madame de Maintenon — nasceu em Niost em 27 de novembro de 1635. Viveu oitenta e quatro annos, e a sua vida é uma novella, tão cheia foi de peripecias, que attinge o phantastico. Viuva de Scarron, dama da corte, começou as suas relações com Luiz XIV em 1650, aos quarenta e cinco annos. A influencia de Maintenon no animo do rei chegou ao apogeu da sua grandeza em 1683, aos quarenta e oito annos. E já contava cincoenta quando contrahiu casamento secreto com o soberano da França.

Aquelle que disse *«Estado sou eu»*, aquelle que se não tinha deante de nada, nem de ninguém para a execução dos seus propositos; aquelle que escurisou a Europa, venceu a Inglaterra e deu um rei a Hespanha, tremia, não obstante, pelo menor enfado da dama dos seus pensamentos, que tinha cincoenta annos. Prodigio esse de uma immortal juventude e belleza.

Mademoiselle Taschet de La Paigne, depois mulher do visconde de Beauharnais, ao ficar viuva, tor-

noas successivamente, a *Pauline Bonaparte, a mulher do primeiro consel.*, a *imperial Josephina*. Sem ella, provavelmente, não teria sido Napoleão o que foi. Como deuen a Josephina a protecção de Brittas, o commoio de Paris o exercito de Italia as sympathias da velha e aristocratica cidade franceza. A estrella do capitão do seculo começou a eclipsar-se quando repudiu Josephina e casou com Maria Luiza. Desde então tomou a fanesta guerra de Hespanha, de desastrosa campanha da Russia, etc.

Pois bem: a 9 de março de 1900 (o venturoso anno IV celebrava-se a administração do segundo bairro de Paris o matrimonio de Maria Josephina Rossi de Tacheer, por outro nome, madame de Bauharnais, com *Napoleão Bonaparte*). Para que não fosse notada uma tão grande disparidade de annos entre os dois contrahentes, foi preciso falsificar os certidões de baptismo de ambos. A Bonaparte deram na acta de casamento dezoito mezes a mais do que tinha e sua mulher seis annos menos do que os que realmente contava. Josephina teria nascido em 13, Napoleão em 19. O esposo, como agora Alexandre da Servia, ainda não tinha completado os vinte e cinco annos e a esposa andava pelos trinta e quatro. Quarenta tinha a incomparavel Josephina quando o vencedor das Pyramides depositava a seus pés os louros de tantos triumphos, os maiores talvez que a humanidade registra.

Balzac, na sua famosa novella, *A mulher dos trinta annos*, expôz com o seu talento, com o genio de que era dotado para a observação psychologica, o segredo do riso que a primeira vista parece singular e estranho. A mulher, enquanto não passa dos trinta não chega ao pleno desenvolvimento da sua personalidade mental e moral, e a belleza adquire então os caracteres do fructosazonado, de irresistiveis encantos.

Quarentonas illustres — para que citas as si estão na memoria de todo o mundo — têm havido nos tempos contemporaneos em Hespanha. Têm empunhado o sceptro da elegancia, da lornosura e do poder. A sua arte não tem tido rival para conduzir os destinos da nossa historia tão turbulenta e accidentalmente mas tambem tão brilhante.

A divindade que inspirou a influencia de Cleopatra, Agrippina, Popéa da princeza d'Eboli, e da princeza dos Ursinos, e de mine, de Maintenon e Josephina Bauharnais, ainda se não dissipou ainda faz milagres na corte da Servia. É a musa da eterna juventude de uma mulher formosa.

Do *Diario Popular*, de Funchal.



### Teus olhos

Fujo da luz dos teus serenos olhos, porque são esses olhos como a vida, que nos atrahie, abraça, beija e abraça, e que depois nos lança sobre escolhos.

Tanta meiguice, tanta luz reparte o teu olhar, que me magoa e pisa! A gente o encontra e torna-se indecisa: si ha de cahir-te aos pés, si ha de evitar-te.

Ausente, inspiras prímabios desejos, culpas de que, contrito, me envergonho: Vivo embalado pelo doce sonho de apagar-te o fulgor do olhar a beijos.

Fitas-me, e a culpa que n'est'alma aninho cede agora lugar a outros impulsos, como si a quem, me agulhoando os pulsos, ordenasse: — Ajoelha-te, mesquinho!

Que o teu olhar evoca-me o futuro, e obriga-me a lembrar todo o passado; faz-me crer que tu sempre um desgraçado, e dá-me alento de ser bom, ser puro.

E sempre que derramas, docemente, sobre os meus olhos os teus olhos magos, eu penso, cheio de temores vagos, ser o céo que desaba sobre a gente.

MARCELINO GAMA.

## A MAROMBA

Damos em seguida, transcripto da *Gazeta das Aldeias*, o primeiro artigo de Guerra Junqueiro, acerca da maromba:

A primeira invasão da maromba na minha quinta, dei por ella o anno passado, em ultimo de maio. O tratamento fez-se achando-me eu ausente. Nem assisti á applicação do remedio. Nem tambem lhe verifiquei os seus effectos immediatos.

Mandi cortar as extremidades das varas indunas! pulverisando em seguida toda a parreira com enxofre enpico. Houve melhoras, ainda que leves, segundo informações do meu feitor. Ponderel então: se o enxofre, cobrindo só algumas folhas durante poucas horas attenuou a doença; multissimo mais a deveria attenuar, fixando bem e por largo tempo em todas as folhas marombadas. Ordenel, em consequencia, que pulverisassem primeiro a agua e sabão, enxofrando depois immediatamente. O resultado foi bom, quasi curativo. Desenvolveram-se outras manchas epidemicas e recetei enxofre e cal, em vez de enxofre cuprico, com tres applicações successivas de quatro em quatro dias. Assim, foi mais suportavel a in-

da: curou de todo. Em outras manchas, que ainda depois se mantiveram, usei unicamente de cal e com identico beneficio.

Este anno a entrada de maio, notei eu que alguns enxertos rachiticos, por uma affluencia entre o garfo e o cavallo, apresentavam signes de maromba, desenvolvendo-se nas folhas uma chlorose raiada, inteiramente caracteristica. Chamei varios praticos, nada menos de tres, acordando elles unanimemente em que não era maromba a doença dos enxertos. Fiquei em duvida, e puz-me a observar o caso dia a dia, com toda a vigilancia. E realmente a chlorose suspeita só aos taes enxertos a ia venho propagar-se. Corria valdões interiores, pouando as cepas bem adaptadas, que ficaram indemnes. Em alguns americanos, ainda por exister, desd'hi depois a mesma chlorose. Arruquei-os, e em todos elles eu encontrei um deficit accidental ou organico que hypotheticamente justificava a anomalia da chlorose. Ao cabo porém de duas semanas a invasão da doença estancou e as plantas bem adaptadas e robustas; quer estivessem ou não por enxertar. Abri os olhos, para a maromba. A principio installara-se nos organismos lebeis, menos resistentes, atacando depois com velocidade destruidora os mais vigorosos e sãos. Contavam-se já muitos milhares de parreiras com maromba, em focos diferentes, disseminados por toda a quinta. Assombrou-me n'esse momento, declaro-o, uma noite de panico. D'aquelle vinha verlegante restava em breve um cemiterio sinistro, na minha montanha lugubre de penedias revolvas e calcinadas.

N'o entanto recobrava o animo e dizia comigo: Mãos á obra, lutar! E durante dois mezes eu fui na realidade o medico, o cirurgião, o boticario e o enfermeiro da minha vinha moribunda. E salveia. Como? E' o que vou explicar detidamente, visto a cultura da vinha em Portugal e sobretudo no Douro, estar hoje ameaçada pela terrivel cacteria da maromba.

O primeiro tratamento que me lembrou foi o que empregara em 1895; mas, valha a verdade, não depositava n'elle uma absoluta confiança. Correria exclusivamente pelos olhos e mãos do meu feitor. D'ahi as minhas duvidas. Mas o caso era urgente, não admittia hesitações. Mandei pulverisar as cepas atacadas com agua e sabão a um por cento e enxofrar depois, abundantemente, a enxofre cuprico rejeitando-se d'ahi a dias o mesmo tratamento. Ao cabo de duas semanas, as videiras, cuja infecção era recente, estavam curadas e as outras com melhoras indiscutiveis e notabilissimas. Dia a dia, contudo, iam surgindo novos focos de maromba. Substitui o enxofre cuprico por enxofre e cal em cal unicamente, como nas experiencias de 1898. Exito completo.

N'esse momento recebi o numero da *Revue de Viticulture* com o optimo artigo do sr. Viala sobre a maromba, em que elle affirmava ser a doença produzida por uma bacteria com extraordinarias qualidades de adaptação ás plantas e até aos animaes (1). Um detalhe, porém, me surpreheudeu. O sr. Viala não pôde maromba uma certa planta, sendo tratando-a previamente pela cal (2). Isto é, a bacteria da maromba desenvolve-se nos meios alcalinos e soffre ou succumbe nos meios acidos. E então reflecti: entre este facto e as minhas experiencias ha contradicção inevitavel. Pois eu destruo a maromba com a cal, e exactamente na cal que a maromba prospera e se dá bem!! Que antinomia é esta? De que maneira resolveu a?

E' recentemente lembrei-me da acção da luz sobre as bacterias. Era possivel, porque não? E abriu-se aos meus olhos um horizonte novo, immenso, illimitado.

Sim, era possivel que a relativa transparencia da cal aos raios luminosos fosse a origem da sua virtude contra a bacteria da maromba.

E, entrando n'este caminho, fiz um grande numero de experiencias que vou abreviadamente relatar.

Primeiro ensaiei a cor negra, que absorve todos os raios luminosos; empreguei a ulha, a terra preta, o negro de fumo e o negro da cortiça. E curei ou attenuel a maromba, sendo os effectos tanto mais energicos e mais rapidos, quanto mais leves e finas eram as poeiras. Comprehendese: as camadas densas absorvem a luz, não a deixando attingir a superficie das folhas marombadas.

As poeiras brancas, menos opacas aos raios luminosos, deviam actuar melhor.

Não me enganel. A cal e o talco deram-me resultados peremptorios. Com uma só enxofradella, o maximo duas, debellei a doença. Quando esta era de invasão recente, não deixava nas folhas o minimo vestigio. Quando o ataque, porém, vinha de longe, de semanas, as filhas encarquilhadas e chloroticas, conservavam os estigmas indeleveis da molestia, mas os rebentos saiam todos frescos, verdes e vigorosos. A planta estava curada. E se ao redor d'ella existiam outras ainda sem maromba, já não havia contaggio. Prova ceita de que a bacteria morrera.

De cinza e sulfureto de calcio colhi resultados excellentes.

Quiz experimentar a cal e o talco em diversas cores, desde o vermelho ao violeta, mas quando me chegaram á Barca d'Alva já não tinha maromba onde as applicasse.

Combinações da hulha com o enxofre e cal produziram effectos similares. Crestavam, porém, e muito mais do que a hulha simples, as folhas tenras e immozas, o que deve attribuir-se, calculo eu, ao desenvolvimento, embora em pequenas doses, do sulfureto de carb me.

Mas a sim-les acção mechanica de todas estas poeiras, adherentes ás folhas quizee-lhas, meditandolhes intimamente as funções chlorophyllianas e respiratorias, não explicava talvez a morte da bacteria,

Para averiguar, e, como não dispunha ali de campainhas de vidros de varias cores, servi-me de papeis translucidos branco, negro, vermelho, azul, verde, amarello e violeta, que appliquei em lorna de cartucho nos ramos ou sarmentos das plantas marombadas. O negro melhorou ou abollu a doença, crestando por vezes as folhas tenras dos rebentos, phenomeno que já antes eu observara com as poeiras da mesma cor. O vermelho não teve acção. Do verde e do azul não colhi esclarecimentos definitivos, porque o sol varcia logo a tinta dos papeis. O effecto do branco, admiravel e o violeta o mais energico de todos.

Estava demonstrado, julgo eu, que a acção inebitante das poeiras não inflaira sobre a maromba, e que a destruição da bacteria devia ter como causa ou os raios chumicos, ou os luminosos ou os cal rifeiros invisiveis. Mas estes ultimos não, visto que o papel amarello, branco e violeta das minhas experiencias determinavam a mesma ou quasi a mesma temperatura, sendo, apesar disso, inerte contra a maromba o papel amarello e extraordinariamente efficazes o papel violeta ou o papel branco.

Creio, pois que a acção therapeuticia vem dos raios luminosos ou dos raios chumicos. E naturalmente d'aquelles, pois que são, em geral, os mais inimigos das bacterias.

Do que estou bem certo é de que a pathologia vegetal, por este caminho novo, desc'brira verdades locundas e imprevistas. Sujetei-se os diversos sporos e bacterias, que originam as enfermidades das plantas, aos raios calbriles, aos luminosos e aos raios chumicos da luz. E, quando, por exemplo, se demonstre que tal raio lumino so é inimigo de tal bacteria, facilissim sera por meio de callas ou de poeiras levavel-as ás folhas e aos fructos de todas as plantas atacadas.

O mesmo principio na therapeuticia humana esta obrando maravilhas. Os raios X curam o cancro ou modificam-no, segundo dizem. Cura-se a variola de peor caracter com os raios de diversas cores. Chagas e feridas de má indole cicatrisam rapidamente pelo mesmo processo.

Não me admiro, pois, de que no sol estejo o remedio effcaz e gratuito das doenças parasitarias vegetaes. Sobre o caso especial da maromba e d'outras enfermidades da vinha, tal o milio e black rot, poderão os nossos professores, bacteriologos distinctos, como os Srs. Camara Pestana e Verissimo d'Almeida, indagar desde ja o que existe de verdade ou de illusão nas minhas molestas experiencias, effectivas sem o rigor de experiencias definitivas e conclusivas. Mas se o problema theorico fica duvidoso, o problema pratico, sinceramente, julgo o resolvido. Cura-se a maromba, e o tratamento é facil, é simples e é economico.

E, como é esta a face da questão que mais interessa os lavradores, indicarei com nitidez os meios que devem usar-se para debelar a doença. O meu proximo artigo sera um guia detalhado e claro do tratamento da maromba. E, se algum duvidar da plena effcacia dos remedios, que va á minha quinta da Barca d'Alva. A prova indiscutivel encontra-se lá bem franca e bem patente.

- (1) Na minha quinta observei este anno, oliveiras, amendoeiras e nespereiras atacadas, sem duvida alguma, de maromba. Appliquei-lhes, com igual effcacia, um tratamento identico ao da vinha.
- (2) Na minha propriedade ha varias manchas de cal, e n'ellas se desenvolveram os primitivos focos de maromba. A doença ali foi muito mais grave e mais rebelde ao tratamento.

GUERRA JUNQUEIRO.

## MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'ella, quanto de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com fiducia podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos vejam dar lições de apuro e bom gosto, nem na indecidez de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 31—Corpinho.....	1500
N. 33—Sala.....	1500
N. 32—Sala.....	2500

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha bem como a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 100 reis para o primeiro molde e 200 reis para cada um dos que se seguitem.